

REVISÃO DE LITERATURA: MANEJO CLÍNICO NA DOENÇA DO BICO E DAS PENAS DOS PSITACÍDEOS

Thiago Ramon Gabriel Dias^{1*}, Isabelly Almeida Rodrigues² e Alice Alvarenga França³.

¹Médico Veterinário na Clínica veterinária Pata amiga -Atendimento de Animais Silvestres e Exóticos – Contagem/MG – Brasil *Contato: Thiagoramom_521@hotmail.com

²Médica veterinária – Belo Horizonte/MG – Brasil

³Médica Veterinária na Clínica veterinária Reino animal e ONG Asas e amigos -Atendimento de Animais Silvestres e Exóticos! – Betim/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

A Doença do Bico e das Penas dos Psitacídeos (PBF) é uma enfermidade viral causada pelo Circovírus psitacídeo, que afeta principalmente bico, penas e sistema imunológico das aves¹. Caracteriza-se por deformidades progressivas, imunossupressão e maior predisposição a infecções secundárias, podendo comprometer a qualidade de vida e a sobrevivência de psitacídeos tanto em cativeiro quanto na vida livre²³. Devido à ausência de tratamento curativo, estratégias de manejo, prevenção e suporte clínico são essenciais para controlar a disseminação da doença e promover o bem-estar das aves⁴.

METODOLOGIA

O presente resumo de tema foi realizado por meio de buscas em bases de dados eletrônicas buscando o tema "manejo clínico na doença do bico e das penas dos psitacídeos". As bases de dados utilizadas foram: SciELO, Google Acadêmico, Portal da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). A busca foi feita utilizando os seguintes descritores: "doença do bico e das penas", "psitacídeos", "PBF", "estratégias terapêuticas", "manejo clínico" e "tratamento".

RESUMO DE TEMA

Até o momento, não existe tratamento eficaz para a Doença do Bico e das Penas dos Psitacídeos (PBF)¹. Aves com forma crônica mantidas como animais de estimação podem apresentar qualidade de vida aceitável, desde que recebam manejo adequado para cada sintoma². Infecções secundárias exigem abordagem agressiva devido à imunossupressão causada pelo vírus³.

O manejo sintomático e os cuidados de suporte são as principais estratégias disponíveis, sendo recomendados tanto para criadouros comerciais quanto para zoológicos e tutores com aves individuais. Medidas profiláticas incluem quarentena rigorosa de aves recém-adquiridas, isolamento ou eutanásia de animais positivos, higienização, desinfecção e períodos prolongados de vazio sanitário nos locais onde houve presença de aves doentes¹. O acompanhamento preventivo tem se mostrado eficaz para reduzir a propagação e a incidência da doença².

Estudos destacam o uso de interferonas para fortalecer a imunidade das aves¹. Em papagaios-cinzentos (*Psittacus erithacus*), a administração de interferon gama (1.000.000 UI, intramuscular, uma vez ao dia, por três meses) apresentou resultados positivos⁴. O interferon ômega felino tipo 1, associado a nebulizações e desinfecção ambiental com viricida à base de amônia quaternária, também demonstrou eficácia⁵. Além disso, o uso de beta (1,3/1,6)-D-glucano mostrou efeito positivo na eliminação do vírus em periquitos do gênero *Eunymphicus* sp. e em cacatuas de Mitchell⁶.

Os circovírus apresentam alta estabilidade ambiental e resistência a tratamentos físicos e químicos. O PCV 1 e o CAV resistem à exposição ao formol e éter a 70°C por 15 minutos e pH 3. Entretanto, iodo, hipoclorito de sódio, β-propiolactona, glutaraldeído e calor (80°C por uma hora) são eficazes na inativação do vírus⁷⁸.

Diante da ausência de cura, protocolos paliativos foram desenvolvidos. Santos et al. (2023) propuseram administração oral diária de Timomodulina associada à suplementação de B-(1,3/1,6)-D-glucana, juntamente com medidas de higiene e desinfecção. Após três meses, observou-se regeneração das rémiges, timoneiras e pluviumas, e após um ano, a ave encontrava-se clinicamente saudável¹⁰. Quedas subsequentes de penas e despigmentação não afetaram o estado geral e a atividade do animal¹⁰.

Pesquisas voltadas ao desenvolvimento de vacinas apresentam avanços promissores. Tentativas iniciais de isolamento e inativação do vírus a partir de penas ou órgãos foram infrutíferas e levantaram questões éticas devido à impossibilidade de cultivo in vitro. Alternativas exploradas incluem tecnologias de DNA recombinante e partículas semelhantes a vírus (VLPs), que induzem respostas imunes humorais e celulares sem risco de infecção¹¹. Bonne et al. (2009) relataram a produção de uma vacina recombinante baseada na proteína do capsídeo do BFDV (recBFDVcap) com potencial para comercialização futura⁹.

Estudos recentes demonstram eficácia da vacinação principalmente em aves não infectadas ou em estágios iniciais da infecção, com indução de resposta imune e, em alguns casos, eliminação do vírus¹². Ensaios experimentais em calopsitas e cacatuas indicaram proteção parcial, mas evidenciaram limitações da imunização em aves já expostas ao vírus¹³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Doença do Bico e das Penas dos Psitacídeos (PBF) permanece um desafio complexo para a medicina veterinária, conservação de espécies e manejo de psitacídeos em cativeiro e vida livre. A ausência de tratamento curativo e a alta resistência ambiental do vírus reforçam a necessidade de estratégias integradas que combinem suporte clínico paliativo, vigilância epidemiológica e avanços em pesquisa científica.

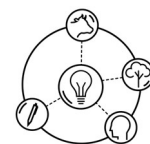
O manejo clínico atual permite prolongar a sobrevivência e melhorar a qualidade de vida das aves sintomáticas, mas sua eficácia é limitada em casos avançados, nos quais a imunossupressão e as lesões irreversíveis no bico e nas penas podem levar a complicações fatais. Protocolos paliativos, associados a imunomoduladores, suplementação nutricional e biossegurança, demonstram potencial para estabilizar quadros crônicos, embora exijam validação em maior escala.

A prevenção continua sendo a ferramenta mais eficaz no controle da PBF. Quarentena de aves recém-adquiridas, desinfecção ambiental e testagem periódica são fundamentais para reduzir a disseminação do vírus. Paralelamente, a pesquisa de vacinas recombinantes e terapias antivirais oferece perspectivas promissoras, enquanto a colaboração entre centros de pesquisa, órgãos ambientais e instituições de conservação é essencial para garantir proteção de espécies ameaçadas e sustentabilidade de criadouros.

Em síntese, o enfrentamento da PBF exige uma abordagem multidisciplinar que integre manejo clínico, prevenção, pesquisa translacional, educação e políticas públicas, garantindo a sobrevivência das aves e a manutenção dos ecossistemas em que desempenham funções ecológicas essenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PORTELA, G.; MARQUES, C.; ALVES, M. **infecção pelo vírus da doença do bico e das penas dos psitacídeos: revisão de literatura**. revista lusófona de ciência e medicina veterinária, v. 14, p. 79-92, 2023.
2. ARAÚJO, A. V. ET AL. **Molecular Diagnosis of Beak and Feather Disease in Native Brazilian Psittacines**. Revista Brasileira de Ciência Avícola, v. 17, n. 4, out./dez., p. 451-458, 2015.
3. MELO FILHO, A. DE A. **Doença do bico e das penas em papagaio verdadeiro: relato de caso**. 2019. 26f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, Gama, DF, 2019.



XVI Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

4. ALLGAYER, M. C.; PEREIRA, R. A. **Doenças Virais em Psittaciformes**. In: SILVA, J. C. R. Tratado de animais selvagens-medicina veterinária. 2. ed. São Paulo: Editora Roca, 2014. p.1339-1341 .

5. PIÇARRA, J. P. S. C. **Estudo sobre a detecção do circovirus aviário em psitacídeos domésticos na região de Barcelona – Espanha. 2009.** 42f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Técnica Lisboa, Lisboa, 2009.

6. TOMASEK, O.; KUBICEK, O.; TUKAC, V. **Comparison of three template preparation methods for routine detection of beak and feather disease virus and avianpolyomavirus with single and nested polymerase chain reaction in clinicalspecimens**. Avian Pathology, v. 37, n. 2, p. 145 149, 2008

7. KHALESI, B. ET AL. **A comparison of haemagglutination, haemagglutination inhibition and PCR for the detection of psittacine beak and feather disease vírus infection and a comparison of isolates obtained from loriids**. Journal of general virology, v. 86, n. 11, p. 3039-3046, 2005.

8. RODRIGUES, W. L.; TEODORO, J. M.; ARAÚJO, F. F. **O risco da circovirose em psitacídeos nativos do brasil, revisão bibliográfica**. Revista de Trabalhos Acadêmicos–Universo, Belo Horizonte, v. 1, n. 7, 2022.

9. BONNE, N. ET AL. **Assessment of recombinant beak and feather disease vírus Capsid protein as a vaccine for psittacine beak and feather disease**. Journal of General Virology, v. 90, n. 3, p. 640-647, 2009.

10. SANTOS, J. DE C. M.; FERRER, D. M. V.; BOBANY, D. DE M.; PINHEIRO JÚNIOR, A. A.; MALAMAN, A. C. P. **Doença do bico e das penas dos psitacídeos em ring neck (psittacula krameri) – relato de caso**. Revista de Medicina Veterinária do UNIFESO, v. 3, n. 1, p. 40-46, 2023.

11. REGNARD, G. L. ET AL. **Beak and feather disease virus: correlation between viral load and clinical signs in wild Cape parrots (Poicepahlus robustus) in South Africa**. Archives of virology, v. 160, n. 1, p. 339-344, jan. 2015.

12. DAS, S. ET AL. **Vaccination strategies for pbfd. In: wildlife disease association australasia (wda-a) conference, 2019, little swanport, austrália. anais... little swanport: wildlife disease association, 2019.**

13. RAIDAL, S. R.; Sarker, S.; Peters, A. **Review of psittacine beak and feather disease and its effect on Australian endangered species**. Australian Veterinary Journal, v. 93, n. 12, p. 466-470, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/avj.12388>. 2015.